



O Jornalismo Cultural de Chico Pop na Rio Branco das Décadas de 1970 e 1980¹

Giselle Xavier d'Avila Lucena²

Francisco de Moura Pinheiro³

Universidade Federal do Acre - UFAC

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Resumo

Esta pesquisa descreve a atuação do jornalista Chico Pop na imprensa acreana durante as décadas de 1970 e 1980. Reúne discussões sobre conceitos e definições de “cultura” e “jornalismo cultural”, e contextualiza a imprensa e movimentos culturais da época em Rio Branco. A pesquisa traz reflexões sobre os trabalhos do jornalista que reunia os mais variados universos culturais num mesmo espaço jornalístico.

Palavras-chave:

Jornalismo; Cultura; História; Chico Pop.

O Jornalismo Cultural de Chico Pop na Rio Branco das Décadas de 1970 e 1980

A sociedade, os sistemas de ensino, a sexualidade, os costumes, a moral e a estética, tudo era contestado. Vivia-se uma aventura classificada por Zuenir Ventura como um “romance sem ficção”, em que a juventude da época “experimentou os limites de todos os horizontes: políticos, sexuais, comportamentais, existenciais, sonhando em aproximá-los todos” (VENTURA, 2008, p. 18). Queria-se igualdade de direitos, de salários e de decisão entre homens e mulheres. O mundo assistiu à chegada do homem à lua e, ainda, a um grande show de rock: “Woodstock Music & Art Fair”, que reuniu cerca de 500 mil pessoas em três dias de amor, música, sexo e drogas

Enquanto isso, lá no Acre, no interior da Amazônia, no Norte do Brasil, uma nova ordem era ditada. Os anos de chumbo da Ditadura Militar levaram efeitos

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Autora do trabalho. Recém-graduada em Comunicação com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Acre – UFAC; e pós-graduanda em Produção e Crítica Cultural pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: gisellelucena@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Doutorando em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: fdandao@gmail.com



transformadores também aos territórios acreanos. Os seringais entraram em crise e foram destruídos. Era o momento da chegada dos fazendeiros, com seus jagunços e grileiros, com a proposta de ocupar a Amazônia para criar gado e produzir grãos. O Acre se transformou numa terra arrasada, mas logo surgiu a resistência dos seringueiros, apoiada pela igreja, envolvendo também a imprensa. “Formaram-se os grupos de intelectuais e pesquisadores; e a resistência que surgiu lá no seringal, dentro da mata, se espalhou nos grupos de teatro, nos sindicatos, na universidade”, explica o jornalista Elson Martins.⁴

E então, inúmeras transformações bombardearam o Acre: no eixo de desenvolvimento econômico e social, com a crise na cidade gerada pela expulsão dos seringueiros da floresta, que ocasionou ainda uma reorganização da sociedade; no que diz respeito à comunicação, com o incremento da Rádio Difusora, a criação e profissionalização dos jornais e a chegada da Tv; e no movimento artístico-cultural, que passa a fazer uma releitura da crise social, econômica e política vivida na época. E assim, com a profissionalização jornalística e com a consolidação da classe artística engajada em refletir a realidade local, eis que surge nos jornais acreanos o Jornalismo Cultural.

Jornalismo, cultura e outras viagens

Nos jornais do Acre, o jornalismo cultural tem se confundido com os trabalhos das assessorias de imprensa das fundações de cultura, com as colunas de agenda, ou, ainda, com a atuação de alguns colaboradores que mantêm colunas semanais. Mas, já que “ao falar de cultura, devemos nos perguntar quem está falando” (RAMOS, 2006, p. 63), há quem diga simplesmente que não existe jornalismo cultural no estado. Mas há também quem não dissocie a atividade jornalística ao fazer cultural. Nesse sentido, é possível citar como jornalistas de universos culturais distintos: Antônio Alves⁵, Clodomir Monteiro⁶, Marcos Afonso⁷, Francisco Dandão⁸, Elson Martins⁹ e Chico Pop¹⁰. É que

⁴ Em entrevista para este trabalho. Elson Martins foi um dos editores do jornal alternativo *Varadouro*, que tomou partido da luta dos seringueiros, índios e posseiros a partir de 1978. Hoje, é editor da coluna *Almanacre*, no jornal *Página 20*.

⁵ Jornalista, escritor, poeta. Editou as colunas *A Coisa em si* e *o Espírito da Coisa*, de política e cultura. É um dos criadores do conceito de “*florestania*”.

⁶ Editou durante as décadas de 70 e 80 a coluna “*Contexto Cultural*”, no jornal *O Rio Branco*, representava o movimento da academia e com viés literário. Hoje é presidente da Academia Acreana de Letras.



para falar de cultura é necessário uma definição, exercício tão complicado quanto, por exemplo, definir o amor. Seu significado não se reduz a um verbete de dicionário, como acontece com “economia”, “saúde” ou “política”. Para este trabalho, é importante levar em consideração a Cultura Tradicional, Popular, de Massa e Cultura Pop.

As culturas tradicionais são aquelas que estão ligadas às comunidades que compõem as bases para a formação de uma sociedade. No Acre, essas comunidades são do meio florestal e rural, como os indígenas, seringueiros e os ribeirinhos. As culturas populares são manifestações coletivas e espontâneas, que traduzem artisticamente as características e elementos da vida cotidiana das pessoas, como: o carnaval, a marujada, as quadrilhas juninas, repente, e ainda, todos os elementos ligados ao folclore.

A “cultura de massa”, estabelecida e diariamente reformulada pela “indústria cultural” - expressão usada pela primeira vez pelos filósofos alemães Adorno e Horkheimer, em 1930, diante do complexo de empresas destinadas a produzir, em escala industrial, bens culturais – “dilui os traços nacionais mais expressivos; é narcotizante e conformista” (VANNUCCHI, 1999, p.116). Neste contexto, nasce também a expressão Cultura Pop, que não limita às regras acríicas e homogeneizantes da Indústria Cultural. É o que defende Gian Danton, em artigo publicado no site Digestivo Cultural. “Ela, constantemente, quer incomodar o receptor, ao invés de acomodá-lo”. (DANTON, *online*, 2002).

Com essas variações, alguns autores, como Daniel Piza, defendem como incômoda a expressão “Jornalismo Cultural”, uma vez que “a cultura está em tudo, é de sua essência misturar assuntos e atravessar linguagens” (PIZA, 2004, p.7). A jornalista e pesquisadora Cremilda Medina vê os profissionais da área como leitores culturais e não concorda com a divisão dos cadernos jornalísticos e com a focalização do profissional em determinados conteúdos.

⁷ Jornalista, historiador e filósofo. Editor da coluna *Varal de Idéias*, no jornal *Página 20*, sobre filosofia e jornalismo

⁸ Jornalista e professor. Editor de crônica esportiva no jornal *O Rio Branco*.

⁹ Referência 5.

¹⁰ O objeto de estudo deste trabalho, inserindo na imprensa o mundo “pop”, apresentando um jornalismo cultural compreendido hoje pelos grandes jornais



A cultura passa em todos os espaços e tempos do jornalismo. Não há narrativa e nem matéria jornalística que não seja produção cultural (...). O leitor cultural observa, colhe informações dos acervos e das fontes vivas, cria elos de contexto e elege o protagonismo daqueles que vivem a situação de sua narrativa. E aí se consoma a humanização como eixo central da leitura cultural. (...) Para se ler a realidade e assumir a produção cultural, é preciso estar no mundo, em trânsito, no corpo-a-corpo com o cotidiano da história. (...) Um jornalista econômico, um jornalista cultural, um jornalista esportivo, entre outras tribos, que não circula na sociedade não tem a mínima condição de fazer uma leitura cultural renovadora, autoral, decisiva para a cidadania e para a história. Então, na medida em que os profissionais da comunicação se burocratizam, se fecham em guetos, tendem a produzir uma leitura cultural medíocre. (MEDINA, 2007, p. 32-33)

Neste contexto, definir Jornalismo Cultural é tão polêmico e controverso quanto definir que “cultura” é essa. András Szantó foi diretor do *National Arts Journalism Program* (NAJP)¹¹, ele defende que “é realmente importante cobrir as artes não apenas a partir da estética, mas também como um sistema sociológico, econômico e político”. (SZANTÓ, 2007, p.37). De acordo com Julio Daio Borges, editor e redator do *Digestivo Cultural*, “predomina hoje o jornalismo de agenda, onde as vedetes são os guias de fim de semana, e o *modus operandi* (até em termos de linguagem) é o mesmo da divulgação publicitária” (BORGES, *on-line*, 2006).

Apesar destas discussões, ainda não é possível desvendar todas as complexidades do “jornalismo cultural”. A maior parte dos estudos relacionados o considera uma produção noticiosa e analítica referente aos eventos de natureza artística, guiada pelos bens apresentados e criados pela indústria cultural, que configura a “cultura de massa”. Neste trabalho teremos a consciência que mesmo voltado aos fazeres lúdicos do homem, o conceito de “cultura” no jornalismo pode e deve ser ampliado.

Em cena: Chico Pop

Nesse universo cultural de subjetividades, em plena Rio Branco da década de 1970, Francisco Ventura de Menezes começou a fazer jornalismo cultural numa imprensa que ainda se consolidava e em meio a movimentos artísticos que ainda se descobriam. Acreano de Cruzeiro do Sul, ele iria ser padre quando a vida lhe mostrou outros

¹¹ Centro Acadêmico dirigido para o jornalismo cultural. O NAJP esteve abrigado na Universidade de Colúmbia, e encerrou suas operações em 2005. Atualmente reconstrói seus esforços sob novos patrocínios.



caminhos a seguir. Numa visita às terras acreanas, quando ao chegar a sua casa quase nem foi reconhecido, o jovem Chico “largava a batina, os cânticos e os crucifixos para agitar uma Rio Branco tão puritana quanto provinciana”¹². Ele editou o jornal *O Pop*, e logo foi apelidado como Chico Pop. Além de editar o seu próprio jornal, Chico trabalhou no jornal diário *O Rio Branco*, fundado em 1969, fundado pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand, e que circula até hoje, e no semanário *O Jornal*, que circulou em entre 1974 e 1982, sendo responsável por colunas de cultura. Nesses veículos, Chico Pop falava sobre música, literatura, cinema, fotografia, envolvendo cultura pop do mundo à cultura e aos costumes tradicionais do Acre. Trabalhou ainda nas Rádios Difusora e Andirá, com programas de música, esteve na diretoria do Cineclube Aquiry, foi promotor de eventos, bailes e festivais.

Francisco Ventura era tropicalista, underground, contracultura, qualquer coisa. No final dos anos 60 editou o jornal *O Pop* e mudou de nome: Chico Pop ficou sendo. Outro da escolinha do Zé Leite, sua coluna “A Cidade se Diverte” era muito mais que uma agenda cultural, uma espécie de ponto de encontro (na verdade, os cronistas acreanos já fazemos blog há muito tempo). Chico Pop entronizou seus ícones preferidos na urbanidade acreana: Chaplin, Janis Joplin, Hendrix e Torquato Neto tornaram-se personagens da província, farreavam conosco em nossa juventude. (ALVES, *on-line*, 2006).

O seu ingresso no jornalismo – que começa simultaneamente com o surgimento da cultura pop – ele mesmo explica em entrevista publicada na *Revista de Cultura Jirau*, em junho de 2003, sob o título “O profeta do *underground*”. Era a década de 60 e o Brasil assistia ao surgimento da Jovem Guarda. “Eu era novo, garotão, adolescente, e peguei essa paixão por música. A música envolve toda a arte, tudo”. Ainda na entrevista à *Jirau*, Chico Pop, apresentado como “o agitador cultural que embalou os sonhos da juventude acreana nos anos 70”, fala sobre sua vida e sobre sua carreira jornalística, e descreve alguns capítulos dessa história:

Para distinguir esse negócio de Zé, Raimundo e Chico, tinha que ser por um apelido. Como eu fazia o *Pop*, ficou por Chico *Pop*. (...). Naquele tempo a comunicação não existia. Um jornal, naquela época, era até mais lido porque não havia televisão, só tinha rádio. Um jornal, então, quando circulava, mesmo com periodicidade indefinida, todo mundo queria ler. Esse meu jornal começou a circular nas boates, nos clubes Rio Branco, Atlético, Juventus, Tentamen. Depois é que ele foi pegando forma de jornal mesmo e aí eu comecei a circular na cidade toda. (*Revista de Cultura Jirau*, 2003).

¹² *Revista de Cultura Jirau*. Ano I, nº4, em junho de 2003.



O amigo ator de teatro e contador de histórias, Francisco Gregório Filho¹³ lembra que Chico não só era um ativista, estimulador ou incentivador, mas também um fruidor cultural. “Ele contemplava, assistia, escutava, ele ouvia uma música e pensava sobre o que ele ouvia; ele via um espetáculo e pensava sobre o espetáculo e depois queria conversar”. E assim, com essa necessidade de compartilhar os bens subjetivos e simbólicos, Chico procurou e achou nos meios de comunicação uma forma de fazer com que o convite que ele formulava alcançasse o maior número de pessoas.

O jornalista Elson Martins foi leitor e companheiro de redação de Chico Pop. Elson lembra que Chico usava uma metáfora, algo que era muito comum de se dizer na época, a expressão: “*psicodélico*”. “Chico era *psicodélico*, tinha coisa que surpreendia e a gente ficava imaginando como é que saía dele, porque ele não era um intelectual, ele escrevia errado com frequência, mas estava falando de coisas futuras, vanguardistas, com o coração tradicional”.

Jornalismo de McLuhan ao Chacrinha

“Ao mesmo tempo em que ele trazia uma notícia do *Pink Floyd*, ele trazia a notícia do menino que estava ensaiando ou querendo falar um poema aqui da esquina...” comenta Francisco Gregório Filho, sobre Chico Pop. No jornal *O Pop*, era publicada a frase: “Comunicação é ler O Pop, O Pop de *McLuhan*¹⁴ ao Chacrinha¹⁵”. Na opinião do jornalista Elson Martins, Chico Pop achou no jornalismo um meio muito apropriado e com características próprias para fazer resistência cultural e ao mesmo tempo dar a notícia de um mundo novo que a maioria não estava ligada. “Ele falava com tanta convicção de coisas novas, de vanguarda, mas ele não perdia esse tom tradicionalista, de uma pessoa que veio do interior. De alguma forma Chico encontrou o diálogo entre os saberes...”.

¹³ Em entrevista para este trabalho. Formado em teatro, foi ator, diretor e produtor de peças teatrais. Foi também secretário de cultura no Acre. Hoje se dedica à questão da leitura, participando de projetos pelo país afora.

¹⁴ Marshall McLuhan (1911 - 1980), canadense, teórico dos meios de comunicação introduziu na sociedade as expressões “o meio é a mensagem” e “aldeia global”.

¹⁵ Chacrinha (1917 – 1988) foi um comunicador de rádio e televisão. Apresentou programas de auditório de grande sucesso durante as décadas de 50 a 80. Foi o autor das frases: “Na televisão, nada se cria, tudo se copia” e “Quem não se comunica, se trumbica”.



Chico começou sua carreira na imprensa acreana com o jornal *O Pop*. Falava de vidas, identidades, costumes e artes. Era editor, redator e contava com alguns colaboradores que variavam entre edição e outra. *O Pop* se apresentava como o jornal da juventude, exclusivo das boates e bailes, um jornal de vida social. Publicou poemas de autores locais e nacionais, listas de nomes de músicas que estavam nas paradas de sucesso, notícias de esportes, moda, recadinhos, além dos típicos mais-mais: as cinco damas mais elegantes, os que se vestem na onda, os que se vestem classicamente e os cinco senhores mais elegantes. *O Pop* apresentava sessão de cartas, editorial, entrevista, recados, comentário, humor, crônica, entre outros.

Além de apresentar as preferências musicais dos rio-branquenses, com base em pesquisas que fazia nas rádios, boates e principais lojas de discos; em *O Pop*, Chico também trazia comentários sobre a enchente do Rio Acre; dividindo o espaço com crônicas que bailavam entre assuntos como diferenças de linguagem entre gerações; liberdade sexual; a Era de Aquário ou até a conversa com uma vizinha. Mas não só de música, listas e crônicas se compõe um jornal sobre cultura e Chico sabia disso. Havia espaço ainda, para as resenhas das produções culturais.

CINE ACRE – HAMLET

Poucas vezes nos é dada a oportunidade de assistirmos a manifestação da arte cinematográfica russa, infelizmente tão pouco divulgada em nossos meios artísticos. (...) E, uma dessa maravilhosa oportunidade ficou consubstancial na apresentação ao público acreano da tragédia do imortal William Shakespeare, através do seu Hamlet, já nosso conhecido na versão inglesa de Sir Lawrence Olivier. Pena que a noite chuvosa do dia de estréia tenha afugentado muitos diletantes da nobre arte (...). Maravilhou-nos, primeiramente, a facilidade com que Grigori Kosintsev captou todas as nuances do texto original – para o teatro – adaptando-o às mil maravilhas para a tela, em nada diminuindo de sua força dramática (...). Diálogo fácil e brilhante, penetrante e sutil, leve e profundo ao mesmo tempo, tais são características do trabalho excelente desse homem (...). (*O Pop*, 1971).

Como se pode ver, *O Pop* era mesmo “Atento, autentico, fofoqueiro, decorativo, sanitário, ligado, altruísta. É de fato sem xaropada. O que é Pop? "Isso é por causa de MacLuhan, Aldeia Global” (*O Pop*, 1971), como descreveu certa vez em Editorial. Nada era fixo ou pré-determinado. Assim como a cultura, o jornal se movimentava e se alterava. Cheio de ironia, Chico falou também dos “Cristos” daquela geração:

Cada um tem o seu cristo. O Cristo helderista traz o rosto do Guevara. O Cristo *Hippie* é o Cristo da cabeleira do Caetano Veloso. Para os baianos mais antigos, tinha Cristo a angulosidade mulata de Assis Valente Caymmi, rei banto, Cristo bebedor, gozador, bom sujeito e ateu. Para Roberto Carlos Cristo caminha como Cristo, fala como Cristo, reza como Cristo, e morre como Cristo numa canção que de tão profana é a mais santa de Todas as Orações da rua, a oração assobiada, a prece cantarolada, a procissão das multidões. Já para o americano William Phibbs, publicada na revista TEMPO, Cristo era casado. Publica um livro onde diz que Cristo teve possíveis casamentos com Maria Madalena, com Maria irmã de Lázaro, e com uma desconhecida. Já Leonard Valente, afirma que Phibbs especula com a superficialidade histórica e a generalidade de argumentos que constituem o aspecto mais enigmático da cultura do povo Americano, capaz de gerar coisas excepcionais cretinas e de conquistar a Lua. (...) (O Pop, 1971).

No decorrer das 13 edições, o trabalho andou, e já havia espaço para falar de *Herman Hesse* “um dos melhores autores do século XX, um dos maiores intérpretes da presente e sempre real ansiedade humana e dos dramas do indivíduo” (O Pop, 1973); espaço também para assuntos mais astrais, como *Ying & Yang* ou *Yôga*. Entretanto, *O Pop* nunca se reduziu a uma coisa só. Estava sempre entre lá e cá, misturando o mundo da juventude de *Woodstock* e da juventude do Rio Acre.

O TRANSADO DA TURBINA JET-SET

(...) O nosso lema é: “o mar não tá pra peixe” em novembro morreram Jimmi Hendrix e Janis Joplin. Morou? Se não morou, não mora mais. Morreu também agora outro bicho muito louco o Jim Morrison. Falei? // - Você pode ficar encostado da ponte azul, mas cuidado, as águas do Rio Acre são turbulentas, levaram o nosso Zé do baixo. (...) // - O baile de sábado passado deu pra encher o vazio que já estava cheio de tanto baile sem fermento. // - E fiquem certos que o bom mesmo é o amor. (...) // - Os tempos são alegres, declaram os diretores de emissoras locais, que já estão partindo para programas mais originais. // - Saiu e já está na praça o Lp do Caetano, Gil e Gal. Recomendamos. // - O quê? Eu falo demais no Caetano? Claro que tenho que falar, ele é a explosão da MPB. // - Enquanto isso, o conjunto “Os Mugs” cantam ‘Asa Branca’. // - Puxa! Que tempos? É só parar para não pensar. // - Já lá pela Inglaterra o John Lennon e Yoko Ono fazem psicanálise e declaram que o sonho acabou e que podem dizer?? // - Posso dizer que aqui o sorvete é kibon e a bolacha é Miragina. (O Pop, 1971)

Nesse pequeno fragmento de artigo-meio-crônica, em formato de poesia em prosa, Chico mostra que estava atento à vida dos artistas do outro extremo do planeta, sem esquecer do rio que corta a capital acreana.

No tempo em que se reunir em volta do rádio era um programa típico das famílias acreanas, com as colunas de Chico Pop, o leitor ficava sabendo das programações



musicais das emissoras. Além de divulgar os programas e seus horários de transmissão, a coluna também comentava sobre os estilos musicais e os artistas que estavam sendo apresentados, fazendo ainda sugestões ao programador musical. Na época, ia-se mais ao cinema. Ao divulgar os filmes em cartaz nos telonas da cidade, às vezes as notas eram curtas e objetivas, com características gerais do filme, mas podia também criticar a monotonia da programação. O cancelamento de alguma sessão pelo fato de a fita não ter chegado a tempo, também era anunciado. Com o tempo, até a programação das TVs era divulgada, assim como os bailes e as atividades, inclusive esportivas, dos Clubes da Cidade, que eram freqüentes e tradicionais, como os concursos de miss e desfiles. Os amantes da arte literária também eram contemplados com informações sobre o que tinha de novidade nas livrarias. Em plena Rio Branco de 80, Chico não hesitava em contar histórias e falar do que acontecia pelo mercado cultural do outro lado do mundo.

DISCOS EM QUESTÃO

(...) Um disco no mínimo tá custando seis mil bagatelas. Lojistas acusam gravadoras. Gravadoras acusam lojistas. E diante disso tudo o povão vai deixando de ouvir seus compositores e intérpretes favoritos. Enquanto a indústria – como um modo – não “cair na real” e se empenhar, a fundo e sinceramente, na produção e distribuição de discos menores e mais baratos, as esperanças de redenção (econômica) são exíguas. (...) Sei não, sei sim: não fosse alguns programas da Rádio Difusora Acreana e todo “pique” da Rio Branco FM, como estaria a nossa vontade de música? (...) (O Rio Branco, 1984).

A VIA CRUCIS DOS JOVENS ESCRITORES

O problema, certamente, não será apenas acreano. Em quase todo Brasil, os jovens que tentam publicar um livro (ou livreto) sempre encontram barreiras pela frente. Aqui nem se fala. As gráficas cobram preços exorbitantes. Publicar qualquer coisa por aqui é coisa de louco. E haja mimeógrafo. (...) E tem mais: alguns escritores mais famosos, ao menos durante algum tempo, viveram esse degredado no limbo da literatura. Bastam alguns exemplos: o Kafka, desesperançado de arranjar uma editora. De Lautremont desinteressado pela fadiga na luta por divulgação de seus manuscritos, e assim por diante. (...) E aqui mesmo, no Brasil, nosso Graciliano Ramos condenou, em aparecer para a antiga José Olímpio, a publicação da obra de Guimarães Rosa. (...). (O Rio Branco, 1984).

Chico Pop prosseguia o seu trabalho oferecendo espaço aos materiais que chegavam à sua mesa, como convites a lançamento de livros, espetáculos teatrais e de música, sejam do Governo ou da Prefeitura - sem esquecer de fazer também um convite ao passeio nos parques, nos fins de tarde, com a família. Ou ainda, sem esquecer de dar um puxão de orelha a quem precisasse:



OUTRA COISA

O trabalho de fiscalização sanitária da Secretaria de Saúde bem que poderia dar uma passadinha em muitas casas de diversões na cidade. Na verdade, são poucos os estabelecimentos que procuram manter cozinha e sanitários com condições mínimas de higiene. (...) Nas instalações sanitárias nem se fala. Elas estão sempre numa pior. Vamos dar um jeito nisso. E ainda tem aquele proprietário que sempre me indaga: “Eu não sei por que minha casa, meu estabelecimento, não faz sucesso”. Eu olho na cara dele e dou uma gargalhada. (O Rio Branco, 1984).

Numa Rio Branco já mais crescida, não somente os clubes preenchiam as colunas, mas também os bares e restaurantes da terrinha, as programações artísticas que eram oferecidas e até as gincanas escolares. Na era dos Festivais de Música, Chico Pop prestava um serviço aos candidatos e dava dicas de comportamento no palco, temas para a música, ajustes de som etc.

INSTRUMENTAÇÃO

(...) Quando o compositor ou intérprete se apresenta só ao violão, ele se arrisca. Há que se somar uma dose bastante grande de talentos e valores pessoais para se conseguir sozinho e com o violão, tudo o que se espera de uma boa apresentação. Quanto aos grupos existe aquilo que normalmente se vê nos festivais. Um quer aparecer mais do que o outro. (O Rio Branco, 1980).

MICROFONE

Muitas vezes os microfones usados em festivais (principalmente aqui) são unidirecionais. Isto é, há necessidade de se falar e cantar bem perto e perpendicularmente a ele para se obter um bom resultado. (O Rio Branco, 1980).

É ISSO

Uma música concorrente de festival deve, sempre que possível, obedecer algumas regras básicas para tentar uma classificação. Independente do ritmo, a melodia não deve conter plágio. Como? Numa, autocensura, mostrando a vários amigos ou as pessoas mais velhas que <<curtam>> música numa boa. (...); evitar nas letras os <<lugares-comuns>>, procurar temas de nossa região. A seringueira por exemplo continua como bom tema, procurar inovar uma rima (existe um dicionário de rimas na Biblioteca Pública) (...). (O Jornal, 1980)

A cultura e as tradições populares também marcavam presença. Em época de carnaval, o assunto não se esgotava. Chico divulgava os bailes e os blocos carnavalescos, e também dava sugestões de como se pintar e se fantasiar. Além disso, os cuidados com a saúde e com a alimentação na hora da folia também entravam na pauta:

MOMENTO DE REI OU VAGABUNDO



Tem muita gente sem saber como pintar no Carnaval. Muita gente atrás de idealizar sua fantasia. Seguinte: saia de careta. Ser careta é fácil. Basta você ter uma idéia, um pouco de coragem e sair por aí, sem acanhamento, sorrindo com a cara dos outros e até com a sua (...). Agora, vou te contar: careta precisa ser criativo, ter imaginação, disfarçar a voz e, acima de tudo, fazer cada instante o momento maior de um rei ou vagabundo (...). (O Rio Branco, 1984).

MUITO QUE APRONTAR POR AÍ MUITO QUE APRENDER POR AÍ MUITO QUE ANDAR POR AÍ MUITO QUE VIVER POR AÍ

E aos poucos as tradições juninas vão se perdendo. (...) O que era a terceira festa mais importante do ano, tanto na capital como nos outros municípios acreanos, transforma-se numa comemoração sem maior importância para a cultura folclórica. (...) É proibido soltar balões para não provocar incêndios; é proibido fazer fogueiras porque as ruas estão sendo asfaltadas. Asfaltadas? (ui!); é proibido soltar fogos porque, também, podem causar incêndios e o barulho perturba as autoridades chegadas recentemente do sul e que não estão acostumadas com isso. E já me disseram que está praticamente proibido festejar Santo Antônio, São João e São Pedro porque esses dias já não são mais santos. (...) Daí, então, as manifestações folclóricas culturais começam a mudar a exemplo dos grandes centros econômicos do País. Por aqui o que se nota é o mesmo lance: as quadrilhas, as fogueiras, comidas típicas já são coisas raras e garanto que vai ser “ruço” encontrar um lugarzinho onde se curta numa boa as tradições. Aquela transa de salto na fogueira, os casamentos, os apadrinhamentos e as adivinhações já foram há muito pras cucuias. (O Jornal, 1980).

No texto acima, o jornalista fala de cultura e das tradições populares que estão se perdendo. Na edição anterior a esta, o jornalista fez uma homenagem aos “reis negros do som”. Mais uma mostra da mistura cultural dos trabalhos dele:

OS REIS NEGROS DO SOM

Bob Marley, Peter Tosh e Gil. Os reis negros do “reggae” do planeta Terra. Bob é o mais ousado, Tosh o mais enérgico e Gil o mais petiço. Quem concordar comigo levante o “fura-bolo”. Eles vivem cantando da opressão e da liberdade, da pobreza e da busca da felicidade. Suas músicas têm apelo universal: homens e mulheres de qualquer raça (especialmente nos países do Terceiro Mundo) se identificam com a música e sua mensagem, pois conhecem bem a fome e a opressão no mundo atual. (...) Os três reis negro estão aí, no mundo, cantando mais sérios, como porta-vozes do movimento e sua filosofia. Quando perguntaram recentemente ao Marley se ele era influenciado por terceiros, Bob simplesmente respondeu: “Minha inspiração vem do divino (Jah) e aquele que me inspira me diz o que cantar e como cantar”. (O Jornal, 1980)

Chico também tinha espaço para publicar as crônicas do seu dia-a-dia, do cotidiano de um jornalista cultural. Ele prova que falava da sociedade e da cultura, porque estava inserido nela.

NAS QUEBRAS DA NOITE



Falam-me de filmes, livros, exposições de pinturas, espetáculos teatrais, festivais de músicas e outros babados. Não sei tudo sobre essas coisas. Mas posso ouvir a música que tocam. Podem crer: há muitas desafinadas. Mas quando saio pela noite adentro eis estabelecida a harmonia. Os acordes são dissonantes. Sábado passado fui um dos que resolvi andar <<por aí>> como naquela música do Gonzaguinha. Não que eu tivesse grana pra gastar, nem gasolina pra esnober, mas simplesmente pra ver, sentir de perto o tintintim da gandaia. E o que vi dá pra encher duas páginas de toques no livro da taqueomania. Pra começo: esse tal de <<Corujão>> e essa tal de <<Gaivota>> estão pra lá de qualquer coisa. A sensação que tive foi de estar em Ipanema assistindo (como em sonho) um espetáculo circense. O público nessas casas noturnas é formado na idade de 15 a 25 anos, trajando jeans (muito jeans) e muita minissaia, além do cabelo à Joplin e à Hendrix. O barato mais barato é que muita cocota e boy aparecem de bicicletas, e só voltam pra casa quando o sol nasce. Os seresteiros num canto dedilham a característica do espetáculo <<Hair>>: <<Deixa o sol entrar>> (O Jornal, 1980).

Em meados de 1980, as colunas de Chico Pop foram aos poucos perdendo a periodicidade até não ser mais publicada. Há quem diga que Chico Pop nunca foi um jornalista, pois só escrevia aqui e acolá, para divulgar determinado evento. Há quem o lembre como um colunista social. Há ainda, aqueles vêem nele não um jornalista, mas um agitador cultural que tanto fez bem, principalmente, para a música acreana.

TONTAS COISAS

Estando nesse mundo de especialistas, acabei sendo um livre atirador de assuntos vários. Minha geração, minha teimosia, me levaram para agitar as atividades artísticas. Profissão de fé. Minha igreja, meu passa-tempo favorito é estar dentro de um show seja lá do que for. (...) Isso deve ser difícil de entender para quem nasceu dentro de uma estrutura agrária e tem formação densamente literária. Daí o rock, o pop, os tititis ter sido tomado como uma coisa quase maldita para alguns. As pessoas que assim pensam não deviam pensar assim. Sei lá! Como explicar? (O Rio Branco, 1984).

Neste texto, Chico mostra que naquela época o seu trabalho era motivo de controvérsias e ele sabia disso: alguns levam a sério o jornalismo cultural e o trabalho com as artes, outros não.

Considerações finais

No que se refere à cultura, o jornalismo deve ser um espaço de análise e reflexão dos bens culturais; deve prestar um serviço público e fazer um convite à fruição artística consciente, reflexiva e crítica. Dentro disso, o jornalista de cultura deve lembrar que a cultura não é apenas uma seqüência fragmentada de manifestações artísticas, populares



ou eruditas, ela é também conhecimento, percepção, crítica e a vida rotineira – ou não – de cada um. Cada produção cultural tem a sua dinâmica que também precisa ser levada em consideração. A obra cultural em si é apenas uma das inúmeras pautas para caderno de cultura. Deve-se lembrar que mais importante que discutir um filme, é discutir ferramentas e mecanismos de financiamento, distribuição e circulação daquele material. E mais que pensar a qualidade de conteúdo de uma crítica cultural, é preciso pensar qual a finalidade dessa crítica: incentivar o consumo de produtos e bens culturais, como promover o incentivo à leitura? Qualificar os consumidores tornando-os mais exigentes? Ou ainda, fortalecer a produção cultural, sendo um alicerce para os artistas que são diariamente estimulados a desistir? O desafio é pensar isso tudo levando em consideração a dinâmica do mercado e da própria produção jornalística.

No seu jornalismo, Chico Pop fez agenda, resenha, artigos e crônicas. Trouxe aos rio-branquenses informações sobre o mundo das artes universais, fazendo-os olhar também para a cultura e as identidades locais. Dessa forma, Chico fez jornalismo cultural nos moldes convencionais: divulgou eventos artísticos e esteve nos espaços fechados dos cinemas. Mas viveu o cotidiano da história, o corpo-a-corpo dos bailes, das praças, da rua; provocou, causou reflexão, ajudou. Muito além de um jornalista, Chico Pop foi um homem à frente do seu tempo e espaço. Ele foi jornalista cultural no modo de viver e escrever e contribuiu para o fortalecimento da cultura local.

Ao contribuir para a divulgação e promoção dos fazeres artísticos locais, Chico Pop foi objetivo e respeitou as regras jornalísticas, mas também se permitiu abrir espaço para o subjetivo, para a dúvida, para o talvez. No universo cultural do jornalismo de Chico Pop, também viraram pautas os saberes de fazeres das tacacazeiras, tapioqueiras, incluindo ainda os pipoqueiros da praça num mesmo espaço onde falou de cultura pop e *underground*. Chico Pop falou de música e do mercado fonográfico; falou de literatura e do mercado editorial; citou artistas anônimos e renomados. Chico Pop falou da sociedade, fez fofoca, deu dica para uma boa apresentação em festival de música; falou de folclore e crenças; moda, carnaval, fantasias e concursos de miss num mesmo jornalismo onde também falava de McLuhan, importante teórico dos meios de comunicação.



Chico Pop morreu aos 61 anos. No seu quarto, deixou coleções de gravuras, jornais velhos, recortes de diversas publicações, além de discos – pelo menos dois milhares deles, entre CD's e vinis. Na imprensa acreana, deixou o registro de uma história cultural e a prova de que é possível um jornalismo que misture os vários conceitos culturais. Na memória dos amigos e familiares, deixou a lembrança de um fã de Charles Chaplin, que como qualquer outro fã ousado, também se vestia de Carlitos, segundo o qual a vida é uma fantasia que vestimos juntos. “Quem não souber vestir essa fantasia vai sofrer muito”, disse Chico Pop na entrevista à Revista Jirau, três anos antes da sua morte.

Fantasiado, ou não, Chico foi homem de olhar plural, da escuta, da produção e reflexão. Fantasiado, ou não, Chico dançou o ritmo das festas da época e inseriu outros ritmos a mais: nos festivais, bailes, cineclubes ou programas de rádio, mas, principalmente, na imprensa acreana. “Trazia um outro espaço que é: nós jovens somos inquietos, temos angústias, melancolias, desejos, mistérios ocultos; algumas coisas são claras, objetivas e outras ninguém sabe o porquê...”, lembra o amigo Francisco Gregório. Como jornalista cultural, Chico respondeu a uns tantos porquês e deixou outros tantos para provocar. Chico cumpriu o seu papel, agora, cabe aos demais agentes dessa cultura reconhecerem o trabalho do jornalista e permitir que o seu legado de informações e formações permaneça ultrapassando, como ele prezou em vida, épocas, fronteiras e linguagens.

Referências bibliográficas

ALVES, Antonio. Velhos Companheiros. **O Espírito da Coisa**. Rio Branco, 2006. Disponível em: http://oespiritodacoisa.blog.uol.com.br/arch2006-03-01_2006-03-31.html Acesso em 06/02/2009.

ANDRÁS SZANTÓ, Um quadro ambíguo. In: LINDOSO, Felipe. **Rumos [do] Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

BORGES, Júlio Daio. **Entrevista à Cultura e Mercado**. Digestivo Cultural, 2006. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/editoriais/release.asp?codigo=175> Acesso em 09/02/2009.

CREMILDA MEDINA, Leitura Crítica. In: LINDOSO, Felipe. **Rumos [do] Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.



JORNAL O POP. Rio Branco: 1971-1973. Periodicidade indefinida.

JORNAL O JORNAL – Semanário da gente acreana. Rio Branco: 1980. Semanal.

JORNAL O RIO BRANCO. Rio Branco: 1980-1984. Diário

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2004. (Coleção Comunicação).

SOARES, Diogo. O Famp virou purpurina. **Altino Machado**. Rio Branco, 2006. Disponível em: <<http://altino.blogspot.com/2006/03/o-famp-virou-purpurina.html>> Acesso em 06/02/2009.

UNDERGROUND, O embaixador do. **Revista de Cultura Jirau**, Jornal O Rio Branco, Rio Branco, 01 jun. 2003, p. 4-5. Suplemento.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira - O que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

VENTURA, Zuenir. **1968 – O ano que não terminou**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.